

A SÍNTESE DO IOGA

Sri Aurobindo

27 – Fé* e Shakti (II)

* Sraddha

15.01.23

(Parte IV – Capítulo XVIII)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2022

1

18- FÉ E SHAKTI

18.1- A Fé no Yoga Integral

• As três partes da perfeição de nossa natureza instrumental:

- a) inteligência, coração, consciência vital e corpo;
- b) poderes fundamentais da alma;
- c) entrega de nossos instrumentos e ação à Shakti divina.

dependem a cada momento em seu progresso de um quarto poder, que é o pivô de toda empreitada e ação: Fé - *Shraddha*.

Qualquer coisa que o homem tenha fé de ver como possível nele e lutar para isso, isso ele pode criar e se tornar.

2

- A espécie de fé indispensável no Yoga Integral:
 - fé em Deus e na Shakti: fé na presença e poder do Divino em nós e no mundo;
 - uma fé de que tudo no mundo é a efetuação da Shakti divina una;
 - que todos os passos do Yoga, seus esforços, sofrimentos e falhas, e também seus sucessos, satisfações e vitórias são utilidades e necessidades de seus trabalhos;
 - e que por uma firme e forte dependência e uma total auto-entrega ao Divino e sua Shakti em nós, nós podemos atingir a unidade e liberdade e vitória e perfeição.

- A fé é necessária a cada passo porque ela é um apoio necessário da alma, e sem esse apoio não pode haver progresso.

- Em nada na natureza inferior, da razão à vontade vital, pode o buscador do Yoga colocar uma completa e permanente fé, mas apenas finalmente na verdade, poder e ananda espirituais.

3

18.2- A Natureza da Fé

- *Shraddha* é uma influência do Espírito supremo, e sua luz uma mensagem de nosso ser supramental que está chamando a natureza mais baixa para emergir de seu presente pequeno a um grande auto-tornar-se e auto-exceder-se.
- Aquilo que recebe a influência e responde ao chamado não é tanto o intelecto, o coração ou a mente vital, mas a alma interior.

18.3- A Perfeição da Fé

- Deve ser sempre lembrado que nós estamos nos movendo de imperfeições e ignorância em direção à luz e perfeição, e a fé em nós deve ser livre de apego às formas de nossa empreitada e dos sucessivos estágios de nossa realização.
- Os movimentos da mente em seu progresso devem necessariamente ser misturados com uma maior ou menor proporção de erro, e nós não deveríamos permitir que nossa fé seja desconcertada pela descoberta de seus erros, ou imaginar que, porque as crenças do intelecto que nos auxiliaram eram muito precipitadas e positivas, portanto a fé fundamental na alma era inválida.

4

- Conforme nossa experiência do si cresce, nós descobrimos que mesmo nossos erros foram movimentos necessários, e que as certezas que temos agora que abandonar, tiveram ainda sua temporária validade no progresso de nosso conhecimento.
- Aqui, mesmo uma certa quantidade de ceticismo positivo tem seu uso, mas não o ceticismo da mente ordinária, que resulta em uma negação incapacitadora.
- A fé na Shakti, enquanto nós não somos conscientes e preenchidos com sua presença, deve necessariamente ser precedida ou acompanhada por uma firme e viril fé em nossa vontade e energia espirituais e em nosso poder de nos mover bem-sucedidamente em direção à unidade e liberdade e perfeição.
- Essa fé em si mesmo deve ser purificada de todo toque de egoísmo rajásico e orgulho espiritual.
- Por detrás da Shakti está o Ishwara, e a fé nele é a coisa mais central na Shraddha do Yoga Integral.

5

Uma *sraddha* constante,
 uma fé, uma aquiescência constantes do coração e da vida
 são também indispensáveis.

Mas enquanto estivermos na natureza inferior,
 a aquiescência do coração é tingida pelas emoções mentais,
 e os movimentos da vida
 deixam um rastro de desejos perturbadores e tensões,
 e as emoções mentais e o desejo
 tendem a agitar,
 a alterar de maneira mais ou menos grosseira ou sutil
 a verdade
 e a deformam
 e, sempre, trazem alguma limitação ou imperfeição
 na realização que o coração e a vida
 podem ter da verdade.

6

O coração também,
 quando está perturbado
 em seus apegos e em suas certezas,
 aturdido pelos retrocessos e malogros,
 convencido de erro
 ou envolvido em lutas
 que servem de chamado para ir mais além
 de suas posições asseguradas,
 tem seus atrasos, sua fadiga,
 suas tristezas, revoltas, relutâncias,
 que entram o progresso.

Ele deve aprender a ter uma fé mais ampla e mais segura
 e, em lugar de responder com reações mentais,
 ter uma aceitação espiritual calma ou vibrante
 à maneira e à medida da *Shakti*

7

– uma aceitação que, na verdade, em sua natureza
 é a aquiescência de uma Ananda cada vez mais profunda
 a todos os movimentos necessários,
 e uma prontidão para deixar as velhas amarras
 e ir sempre mais longe, em direção ao deleite de uma perfeição maior.

A mente vital deve dar sua permissão
 aos motivos, aos impulsos, às atividades sucessivas da vida,
 que lhe são impostos pelo poder-guia como ajudas
 ou campos de desenvolvimento da natureza;
 ela deve dar sua permissão também
 aos movimentos sucessivos do ioga interior,
 sem ter nenhum apego nem pedir para parar em lugar algum,
 mas deve estar sempre preparada para abandonar velhas urgências
 e aceitar com a mesma aquiescência completa
 as atividades e os movimentos novos mais elevados;

8

e deve aprender a substituir o desejo
por uma Ananda vasta e brilhante
em todas as experiências e em todas as ações.

A fé do coração e da mente vital,
como a da inteligência,
devem ser capazes de retificar-se, ampliar-se
e transformar-se de maneira constante.

Em essência,
essa fé é a *sraddha* secreta da alma;
ela emerge cada vez mais à superfície
e se fortalece, se sustenta e engrandece
com a firmeza e a certeza crescentes
da experiência espiritual;

9

Aqui também, em nós a fé deve ser sem apego,
uma fé que está a serviço da Verdade
e pronta a mudar
e ampliar
sua compreensão das experiências espirituais,
a corrigir as ideias errôneas ou semiverdadeiras sobre elas
e a receber interpretações mais luminosas,
a substituir as intuições insuficientes
por intuições mais completas
e a refundir, em combinações mais satisfatórias,
experiências que, no momento,
pareceram definitivas e satisfatórias,
e combiná-las com experiências novas,
com maiores amplitudes e transcendências.

10

No domínio psíquico, sobretudo,
e nos outros domínios intermediários,
há muitas possibilidades de desvio
e muitas vezes de erros cativantes;

aqui, certa quantidade de ceticismo positivo tem sua utilidade
e, em todo caso, uma grande precaução
e uma retidão intelectual escrupulosa,
mas não o ceticismo da mente comum,
que equivale a uma negação paralisante.

No loga integral, as experiências psíquicas,
em especial aquelas associadas com o que
muitas vezes é chamado ocultismo e sugerem o milagroso,
devem ser completamente subordinadas à verdade espiritual
e estar ao serviço dela para serem
interpretadas, iluminadas e sancionadas.

11

Mas mesmo no domínio puramente espiritual
há experiências parciais e, embora atraentes,
só adquirem validade e significado completos ou sua aplicação correta,
quando chegamos a uma experiência mais total.

E há outras experiências que, em si mesmas,
são de todo válidas, completas, absolutas,
mas que, se nos limitarmos a elas,
isso impedirá outros aspectos da verdade espiritual de manifestar-se
e mutilará a integralidade do loga.

Assim, a profunda quietude absorvente da paz impessoal
que vem pela imobilização da mente
é uma experiência completa e absoluta em si,
mas se permanecermos apenas nisso,
ela excluirá seu companheiro, o absoluto
– não menor, não menos necessário e verdadeiro –
da beatitude da ação divina.

12

Aqui também,
 nossa fé deve ser uma aquiescência que
 recebe todas as experiências espirituais,
 mas com uma abertura e prontidão amplas,
 a querer sempre mais luz e verdade,
 uma ausência de todo apego limitador
 e sem jamais agarrar-se às formas que possam interferir
 com o movimento de avanço da *Shakti*,
 em direção à integralidade
 do ser,
 da consciência,
 do conhecimento,
 poder
 e ação espirituais
 e em direção à Ananda
 única e múltipla.

13

A fé que nos é pedida,
 em seu princípio geral
 e em sua aplicação constante e detalhada,
 equivale a uma vasta aquiescência,
 sempre maior, mais pura, completa e forte,
 do ser inteiro e de todas as suas partes,
 à presença e à guiança de Deus e da *Shakti*.
 A fé na *Shakti*,
 enquanto não percebermos sua presença
 e não formos preenchidos por ela,
 deve, necessariamente, ser precedida
 ou, ao menos, acompanhada,
 de uma fé forte e viril
 em nossa própria vontade e energia espirituais
 e em nosso poder de avançar de maneira bem-sucedida
 em direção à unidade, à liberdade e à perfeição.

14

A fé do ser humano em si mesmo, em suas ideias e em seus poderes
 lhe é dada a fim de que ele possa trabalhar e criar,
 elevar-se a coisas maiores e, no final,
 trazer sua força como uma digna oferenda ao altar do Espírito.
 Esse espírito, diz a escritura, não será conquistado pelos fracos,
nayam atma balahinena labhyah.

Cada falta de confiança em si paralisante, deve ser desencorajada,
 toda dúvida em nosso poder de cumprir,
 pois isso é uma falsa aquiescência à impotência,
 uma imaginação de fraqueza
 e uma negação da onipotência do espírito.

Uma incapacidade no presente,
 por mais pesada que pareça sua pressão,
 é apenas uma prova para a fé
 e uma dificuldade temporária;

15

ceder a uma sensação de incapacidade
 não tem sentido para o *sadhaka* do loga integral,
 pois seu objetivo é desenvolver uma perfeição
 que já está aí, latente no ser,
 porque o ser humano carrega em si mesmo,
 em seu próprio espírito,
 a semente da vida divina:

a possibilidade de sucesso está contida e implícita no esforço,
 e a vitória é assegurada
 porque por trás se encontram o chamado e a guiança
 de um poder onipotente.

Ao mesmo tempo,
 essa fé em si mesmo deve ser purificada
 de todo traço de egoísmo rajásico
 e de todo orgulho espiritual.

16

O *sadhaka* deve recordar-se, tanto quanto possível,
 que sua força não é sua, no sentido egoístico,
 mas é aquela da *Shakti* divina universal,
 e tudo que é egoístico no uso que ele faz da *Shakti*
 se torna causa de limitação e, no fim, um obstáculo.

O poder da *Shakti* divina universal, que sustenta nossa aspiração, é ilimitado,
 e quando é chamado da maneira justa
 não pode deixar de derramar-se em nós
 e de remover toda incapacidade e todo e qualquer obstáculo,
 agora ou mais tarde;

pois o momento e a duração de nossa luta dependem,
 no início, como instrumento e em parte,
 da força de nossa fé e de nosso empenho,
 mas, ainda assim, no final
 eles estão nas mãos da determinação sábia do Espírito secreto,
 que só ele é o Mestre do loga, o *Ishwara*.

17

A fé na *Shakti* divina
 deve ser sempre o sustento de nossa força,
 e quando Ela se manifestar,
 essa força deverá ser ou tornar-se irrestrita e completa.

Nada é impossível para Ela,
 que é o Poder consciente,
 a Divindade universal que cria todas as coisas,
 por toda eternidade,
 armada com a onipotência do Espírito.

Todo conhecimento, toda força, todo triunfo e toda vitória,
 todas as habilidades e trabalhos
 estão nas mãos dela,
 e suas mãos estão cheias dos tesouros do Espírito
 e de todas as perfeições,
 de todas as *siddhis*.

18

Ela é *Maheshwari*,
 deusa do conhecimento supremo
 e nos traz sua visão de todos os tipos
 e de todas as imensidades da verdade,
 a retidão de sua vontade espiritual,
 a calma e a paixão de sua amplidão supramental,
 a felicidade de sua iluminação;

ela é *Mahakali*,
 deusa da força suprema:
 com Ela estão todas as potências e forças espirituais,
 a austeridade das mais severas tapas,
 e a rapidez na batalha,
 a vitória e o sorriso,
 a *attahasya*,
 que zomba da derrota, da morte
 e dos poderes da ignorância;

19

ela é *Mahalakshmi*,
 a deusa do amor e do deleite supremos:
 seus dons são a graça do espírito,
 o encanto e a beleza da Ananda,
 a proteção
 e todas as bênçãos divinas e humanas;

ela é *Mahasaraswati*,
 a deusa da habilidade divina
 e dos trabalhos do Espírito:
 seu ioga é a habilidade nos trabalhos,
yogah karmasu kausalam,
 e as utilidades do conhecimento divino,
 a aplicação do espírito à vida
 e a felicidade de suas harmonias.

20

E em todos os seus poderes e formas
 Ela leva consigo
 o sentido supremo das mestrias da *Ishwari* eterna,
 a capacidade rápida e divina para todos os tipos de ação
 que o instrumento possa ser chamado a executar,
 a unidade,
 a simpatia que compartilha,
 a identidade livre com todas as energias em todos os seres
 e, por conseguinte,
 uma harmonia espontânea e frutuosa
 com a vontade divina no universo.

A percepção íntima de sua presença e de seus poderes
 e a feliz aquiescência de todo nosso ser
 aos seus trabalhos em nós e em torno a nós
 é a última perfeição da fé na *Shakti*.

21

E por trás dela encontra-se o *Ishwara*,
 e a fé nele é a coisa mais central da *sraddha* do loga integral.

Essa fé devemos ter, e desenvolvê-la à perfeição,
 que todas as coisas são a obra de um conhecimento
 e de uma sabedoria supremos
 sob as condições do universo,
 que nada que é feito em nós ou em torno de nós é em vão
 ou sem seu lugar apropriado e significado justo,
 que todas as coisas são possíveis quando o *Ishwara*,
 nosso Self e Espírito supremo,
 assume a ação,

e que tudo que foi feito antes e tudo que ele fará no futuro
 foi e será parte de sua guiança infalível e presciente
 e destinada à consumação de nosso loga,
 de nossa perfeição e do trabalho de nossa vida.

22

Essa fé será cada vez mais justificada,
 à medida que o conhecimento superior se abre;
 começaremos a ver os significados pequenos e grandes
 que haviam escapado à nossa mentalidade limitada:

a fé mudar-se-á em conhecimento.

Então,
 veremos sem nenhuma dúvida possível,
 que tudo o que acontece
 faz parte da obra da Vontade única,
 e que essa vontade também foi uma sabedoria,
 porque desenvolve sempre as operações verdadeiras
 do self
 e da natureza
 na vida.

23

O estado superior da aquiescência, a *sraddha* do ser,
 será perfeito quando sentirmos a presença do *Ishwara*,
 quando sentirmos toda nossa existência,
 consciência, pensamento, vontade e ação
 em suas mãos
 e consentiremos em todas as coisas
 e em cada parte de nosso ser e de nossa natureza,
 à vontade direta e imanente do Espírito que nos habita.

Essa perfeição superior da *sraddha*
 será também a oportunidade
 e o alicerce perfeito da energia divina:

quando a *sraddha* for completa,
 ela será a base do desenvolvimento,
 da manifestação e das obras
 da luminosa *Shakti* supramental.

24